

A morte de Maria Martin.

Desde a mais tenra idade, o venerável doutor Carlos Ferreira, grande especialista em expor com uma clareza memorável toda a riqueza silogística dos tratados de Sir Isaac Newton acerca do comportamento da luz, tinha como sonho mais singelo, vislumbrar a sua amada posta dentro de um belíssimo vestido de noiva! Era para ele um deleite tão grande imaginar essa possibilidade, que o pequenino cegava-se por um longo período, perdido no doce dançar do véu, que arrastava-se pelo piso da igreja. É claro, até que a real pretendente finalmente o trazia à luz, beliscando-o em sua bochecha com força.

Retornar a realidade foi a primeira matéria real de aprendizado que para ele foi cobrado o estudo, possuindo como principal professora, dona Maria Martin, sua fiel amiga de infância. Não seria a contemplação da beleza sublime que os corolários e tratados que resolveria essa questão, mas, o seu engano o levou a crer que sim.

A imaginação sempre trouxe-o continuamente para um estado orgulhoso e presunçoso! Comum a todo rapaz de inteligência especial e habilidoso em “descansar no verossímil”. A lógica era o seu conforto, seja na auto-referência contínua do “grande gênio”, seja para simplesmente tornar razoável e imaginável, qualquer possível realidade difícil de engolir. Ele nunca foi nem um pouco exigente com o realismo, e por isso mesmo, adentrou com profundidade na matemática e na física, vivendo recheado de teoremas acerca de tudo e esquecendo de tudo que em matéria, lhe diz respeito.

Quanto mais o tempo passava, mais o nobre Carlos ia se apaixonando por Maria Martin! Como se ela fosse uma sereia deslumbrante e coberta do mais fino ouro, vivendo sempre dentro de uma caverna, lá, no horizonte, onde apenas o brilho da sua forma podia ser reconhecido. Mal sabia ele que estava navegando em direção contrária! Ela tornar-se-ia nele, um espelho das suas próprias convicções! E por isso, nunca mais a viu, mesmo que vivessem cada vez mais próximos. Como um bom matemático, a forma imaginada dela dava-lhe mais razão de regozijo, do que a própria.

O namoro dos dois acompanhou os seus estudos quase que linearmente, em cada um dos possíveis fatores de comparação simbólica. Ela o amava como Carlos Ferreira, ele a amava como Carlos Ferreira, pois era o melhor que ele podia imaginar dela, ele mesmo. Qualquer situação desgostosa entre os dois era resolvido por sermões intermináveis do nosso promissor estudante, já muito bem treinado na arte da oratória, pois conduzia-a em um turbilhão de arrependimentos que finalizava com uma alegria e um profundo regozijo pelo perdão concedido no final do discurso. Era um namoro especialmente tranquilo e funcional, pois as falhas imaginárias a ela atribuídas, eram automaticamente perdoadas, e as dele, não existia quem as imaginasse.

Noivos! Foram um exímio retrato da pureza quase angélica das boas mulheres sustentada sobre um torre de cartas montadas no coração de um homem que nada mais podia ver. Ela sofreu as dores de um abandono gradual, pois seus atos não eram suficientes para manter cada coluna intacta! Dores essas, que entorpeceram-na perante o amado juiz. Sem a proteção, ela ficou a mercê dos cães que guardavam a torre, sendo expulsa por eles, para que cometesse um ato de insurgência e desamor. Era imperfeita, verdadeiramente agora, pois traiu!

E foi em um ato de arrependimento, que finalmente chegou o seu julgamento, diante o tratado do juiz. No dia do casamento, pôs-se com a cabeça para baixo, esperando a sua redenção. Mas agora, a sua forma não encaixava nos olhos de Carlos, cegado completamente pela raiva. E

se desfez a luz de Maria Martin, morrendo para esse mundo, mas finalmente nascendo, para Carlos, que acordou!

Isso torna um pouco mais claro o recente caso que acabou de chegar na corte judicial. Pois como foi delatado, apenas parecia uma completa loucura que tudo tinha prosseguido dessa forma. “O assassinato da noiva no dia do casamento! Futuro esposo se declara culpado pelo ato e confessa a razão do crime em um enigma, “Ouvi dela a confissão de um delito. Não era mais a perfeita imagem da minha amada. Agi, e logo depois vi, que ela só nasceu para mim, morta! Só agora pude ver que não era o branco tecido que a fazia, mas o sangue que infelizmente o tingiu!””.

Agora, ele finalmente passou na matéria, mas foi necessário uma última prova, mais dolorosa que um simples beliscão. E nada disso poderia ter sido calculado por Carlos, pois nenhum dos teoremas estudados, nunca sintetizou a sua amada em uma expressão.

Agora, só na realidade poderá se sustentar, pois se não, enlouquecerá por suas próprias mãos! Pois chegou a sua hora de ser julgado, sobre a medida do real!